

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

HOMENAGEM A JOÃO BIGOTTE CHORÃO

Textos e Testemunhos de J. Pinharanda Gomes (p. 8), Alfredo Campos Matos (p. 22), Annabela Rita (p. 22), António Braz Teixeira (p. 24), António Cândido Franco (p. 24), António Leite da Costa (p. 25), António Manuel Pires Cabral (p. 26), Artur Anselmo (p. 27), Eugénio Lisboa (p. 27), Isabel Ponce de Leão (p. 29), Jaime Nogueira Pinto (p. 29), Miguel Real (p. 31), Paulo Ferreira da Cunha (p. 39) e Paulo Samuel (p. 41)

AFONSO BOTELHO: NOS 100 ANOS DO SEU NASCIMENTO

APOLOGIA E HERMENÊUTICA NA OBRA DE AFONSO BOTELHO António Braz Teixeira	48
AFONSO BOTELHO SEMI-INÉDITO António Cândido Franco	57
AFONSO BOTELHO NO 57: MOVIMENTO DE CULTURA PORTUGUESA Artur Manso	59
EDUCAÇÃO E SAUDADE EM AFONSO BOTELHO Emanuel Oliveira Medeiros	65
HUMANISMO ESPERANÇOSO DE AFONSO BOTELHO Guilherme d'Oliveira Martins	86
À MEMÓRIA DE AFONSO BOTELHO J. Pinharanda Gomes	88
AFONSO BOTELHO: TESTEMUNHO BREVE Joaquim Domingues	90
AFONSO BOTELHO, UM ARISTOCRATA EXEGETA DE D. DUARTE José Almeida	92
TESTEMUNHO E HOMENAGEM A AFONSO BOTELHO José Esteves Pereira	97
MITO E MITOS FUNDANTES: A POSSIBILIDADE DO <i>DISCURSO DA SAUDADE</i> Luís Lóia	98
O TEMA DA SAUDADE NA <i>TEORIA DO AMOR E DA MORTE</i> DE AFONSO BOTELHO Manuel Cândido Pimentel	104
AFONSO BOTELHO: DA RAZÃO E DO CORAÇÃO Maria de Lourdes Sirgado Ganho	108
AFONSO BOTELHO, DO PENSAMENTO À ESCRITA FICCIONAL NO 57: UMA ABORDAGEM DO CONTO <i>O INCONFORMISTA</i> Maria Luisa de Castro Soares	112
A FICÇÃO DE AFONSO BOTELHO Miguel Real	118
DA FILOSOFIA COMO “SABEDORIA DO AMOR”: ENTRE JOSÉ MARINHO E AFONSO BOTELHO Renato Epifânio	125
A RENÚNCIA DO MAL NA METAFÍSICA CRISTÁ DA REDENÇÃO DE AFONSO BOTELHO Samuel Dimas	127
SOBRE A <i>MÓNADA HOMEMULHER</i> EM AFONSO BOTELHO Teresa Dugos-Pimentel	139

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES:

JORGE DE SENA E JOSÉ HERMANO SARAIVA

A CRÍTICA LITERÁRIA EM JORGE DE SENA Miguel Real	146
JOSÉ HERMANO SARAIVA: HISTORIADOR E DIVULGADOR DA CULTURA PORTUGUESA Nuno Sotto Mayor Ferrão	151

OUTROS VOOS

A MANEIRA PORTUGUESA DE ESTAR NO MUNDO Adriano Moreira	162
O PENSAMENTO ESTÉTICO DE EDUARDO LOURENÇO António Braz Teixeira	165
O SENTIDO FILOSÓFICO-TEOLÓGICO DA LUZ EM “VIRGENS LOUCAS” DE ANTÓNIO AURÉLIO GONÇALVES Elter Manuel Carlos	170
OS AÇORES E O MAR – O POVO, SOCIEDADE(S) E TERRITÓRIOS Emanuel Oliveira Medeiros	176

SOBRE OS INÉDITOS DE JUNQUEIRO Joaquim Domingues	188
VIVÊNCIAS COM MÁRIO CESARINY E FERNANDO GRADE: POETAS E PINTORES Luís de Barreiros Tavares	194
SENTIDO E VALOR ACTUAIS DA MONARQUIA: UMA PERSPECTIVA TEÓRICO-CONSTITUCIONAL Pedro Velez	197
CINCO DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânio	199
AUTOBIOGRAFIA 7 Samuel Dimas	204

EXTRAVOO

VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO) Agostinho da Silva	220
CARTAS SEM RESPOSTA João Bigotte Chorão	227

BIBLIÁGUIO

ARISTÓTELES EM NOVA PERSPECTIVA Joaquim Domingues	256
A ESCOLA PORTUENSE EM QUESTÃO Elísio Gala	256
LEONARDO COIMBRA: VIDA E FILOSOFIA José Esteves Pereira	258
EUDORO DE SOUSA E A PRESENÇA DO MITO NA FILOSOFIA PORTUGUESA Samuel Dimas	262
TABULA RASA II & ESTUDOS SOBRE HEIDEGGER Renato Epifânio	263
PEITO À JANELA SEM CORAÇÃO AO LARGO Onésimo Teotónio Almeida	264
ESPÍRITOS DAS LUZES Anabela Ferreira	266

POEMÁGUIO

CATATÓNICO; GOLGOTHA António José Borges	46
SEU HÁBITO MELHOR Jaime Otelo	47
“NASCERÁ O MAIOR AMOR...” Catarina Inverno	144
FUNDURA Maria Leonor Xavier	145
MACAU António José Queiroz	159
CANÇÃO SUPREMA Carla Ribeiro	160
COMO PODEM ESPERAR Delmar Maia Gonçalves	161
PELOS SENTIDOS Juvenal Bucuane	161
NUME Luísa Borges	218
STELA Jesus Carlos	219
MIMNERNO E AS FOLHAS CAÍDAS DE JÚDICE Susana Marta Pereira	254
LARGO Joel Henriques	255
PARA O HERBERTO HELDER Manoel Tavares Rodrigues-Leal	267
SEGUNDA VARIAÇÃO José Luís Hopffer C. Almada	268

MEMORIÁGUIO	272
-------------------	-----

MAPIÁGUIO	273
-----------------	-----

ASSINATURAS	273
-------------------	-----

COLECÇÃO NOVA ÁGUIA	274
---------------------------	-----

EDITORIAL

As personalidades maiores (ou mais aquilinas) são aquelas que mais transcendem fronteiras – culturais, religiosas ou ideológicas. Pela amostra (significativa – mais de uma dúzia) de testemunhos que aqui recolhemos, proferidos numa sessão em sua Homenagem promovida pelo Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, no dia 10 de Maio do corrente ano, no Palácio da Independência, João Bigotte Chorão foi, de facto, uma personalidade maior da nossa cultura lusófona.

Personalidade não menor foi a de Afonso Botelho, que completaria no dia 4 de Fevereiro 100 anos. Igualmente por iniciativa do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, realizou-se, nesse exacto dia, também no Palácio da Independência, um Colóquio que abordou as diversas facetas do seu pensamento e obra. São os textos então apresentados (com mais alguns entretanto chegados) que aqui publicamos (mais de uma dezena e meia de textos).

Dois mil e dezanove tem sido um ano especialmente rico em centenários. Para além de Afonso Botelho, evocamos aqui igualmente Jorge de Sena e José Hermano Saraiva. Para o próximo número, fica desde já prometida a evocação de Joel Serrão e de Sophia de Mello Breyner Andersen, onde iremos também recordar Agustina Bessa-Luís, recentemente falecida, no início deste semestre, que marcou ainda presença na *Nova Águia* – logo no primeiro número, onde publicámos um texto seu intitulado “O fantasma que anda no meu jardim”, que termina desta

forma: “Voltaremos a encontrar-nos”. Até sempre, Agustina!

Ainda no vigésimo quarto número da *Nova Águia*, para além do “Poemágio” e do “Memoriágio” (duas secções igualmente clássicas), publicamos cerca de uma dezena de “Outros Voos” e, em “Extavoo”, mais um capítulo da segunda parte (inédita) da *Vida Conversável*, de Agostinho da Silva, bem como a série completa das “Cartas sem resposta” de João Bigotte Chorão –, algumas das quais já publicadas em números anteriores da nossa revista. No “Bibliágio”, por fim, publicamos mais de meia dúzia de resenhas de obras que despertaram a atenção do nosso olhar aquilino.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Já na fase final da composição deste número, a 27 de Julho, faleceu, aos oitenta anos, Pinharanda Gomes, Sócio Honorário do MIL: Movimento Internacional Lusófono, um dos mais importantes colaboradores da *Nova Águia*, desde o primeiro número (até este que aqui se apresenta, com dois ensaios que nos fez chegar no primeiro semestre deste ano), e, sob todos os pontos de vista, uma das mais relevantes figuras da cultura lusófona do último meio século (facto que só por ignorância ou má-fé pode ser contestado). Por isso, no próximo número da revista, teremos, logo a abrir, uma série de Textos e Testemunhos em sua Homenagem.

À MEMÓRIA DE AFONSO BOTELHO

J. Pinharanda Gomes

Sem que não existissem anteriores relações, familiares ou sociais, Afonso Botelho esteve no começo da vida de trabalho de autor destas pequenas memórias, no instante em que, imigrado da Guarda para Lisboa, recebemos o benefício de o termos conhecido pessoalmente – já nos era familiar o autor de *A Intriga* (1958), e dele termos recebido inesperado mas decisivo amparo.

Já noutros escritos memorámos o tempo em que pessoalmente o conhecemos nos distantes anos de 1960-1961, por mero acaso, na sede da Causa Monárquica (Praça Luís de Camões, nº 46, em Lisboa). Aqui, alguns escritores e activistas, entre eles Henrique Barrilaro Ruas e Afonso Botelho, mantinham um Círculo de Estudos que produzia e fornecia textos doutrinários e de valorização do pensamento português a vários órgãos da imprensa regional, como forma de partilhar reflexões sobre o ideário e respectivos valores. Não obstante a fraquíssima envergadura de quem conta esta história, os membros do Círculo entenderam aceitar a sua colaboração, que se difundia em vários jornais. O essencial destes anos e benefícios concretos já foi registado no nosso escrito intitulado “Neo-Integralismo e Filosofia Portuguesa (Cf. *V Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, Zéfiro, 2017, pp. 217-223).

Apurando a memória, devemos a Afonso Botelho a entrada no chamado “Grupo de Filosofia Portuguesa” e o início das nossas relações com Álvaro Ribeiro e José Marinho, a quem nos conduziu o falecido amigo Luís Zuzarte (fal. 1974) que também conhecemos no já citado Círculo de Estudos.

Anos mais tarde, em sua casa, na Praça João do Rio, nº 9, recebeu-nos com sua senhora, Dra. Maria Alba de Castro, para nos ocuparmos de

uma breve palestra sobre os “Reis Magos” – pois Afonso Botelho mantinha vivo esse costume de celebrar o dia dos Reis Magos com uma tertúlia de amigos.

Afonso Botelho considerava fazer parte da 3ª geração da “Renascença Portuguesa”. A primeira foi a dos Fundadores, a segunda a dos Discípulos de Leonardo Coimbra e, a terceira, a geração dele, Afonso, e de outros nomes referenciais no elenco dos que mantiveram a aliança com a matriz leonardina, por junto identificados com o movimento da Filosofia Portuguesa, em que cabem diversos itinerários, incluindo o Saudosismo, herança maior recebida de Teixeira de Pascoaes. O “Integralismo Lusitano” foi valorado por Afonso Botelho e Francisco da Cunha Leão, por exemplo.

Com Orlando Vitorino, António Quadros e António Braz Teixeira (por exemplo), partilhou iniciativas culturais diversas. De cor lembramos que, em colaboração com Orlando Vitorino, foi co-autor dos *Teoremas de Filosofia* (nº 1, 1969) e do suplemento cultural do *Jornal da Madeira, A Ilha* (Funchal, 1971-1973). Depois, ambos, com outros colaboradores, levaram a efeito a revista *Escola Formal* (seis números, 1977-1978) que tomou o nome de um dos mais fascinantes livros de Álvaro Ribeiro.

Na sequência da campanha de Orlando Vitorino para a Presidência da República, alguns jovens, que o acompanharam, reuniam-se também com Afonso Botelho e com o subscritor destas linhas. Esses jovens decidiram apostar na publicação de uma Revista de Filosofia Portuguesa, que recebeu o nome *Leonardo* (publicou-se em 1988-1989), nome esse escolhido pelos aludidos fundadores da Revista, na tertúlia que mantinham na Pastelaria Nova Iorque, a

Entrecampos. Houve o cuidado de constituir um Conselho Patrocinador, que considerou os nomes históricos, vinculados ao magistério de Leonardo (desde logo Sant'Anna Dionísio) e aos discípulos de Álvaro Ribeiro e de José Marinho, entretanto falecidos. Já então Afonso Botelho assumira, com Lima de Freitas e João Palma Ferreira, a direcção da revista *Cultura Portuguesa* (1981), ocupando ainda as funções de Director do Teatro Nacional D. Maria II (1985-1989).

Neste último ano, através da Editorial Verbo, produziu o substancial estudo intitulado *Ensaio de Estética Portuguesa (Ecce Homo/ Painéis/ Tomar)*, para cuja apresentação pública, se bem que restrita, no Círculo Eça de Queirós, teve a gentileza de nos convidar. Conforme seu desejo limitámo-nos a breves notas impressionistas sem prévio texto escrito. Ocorre-nos, no entanto, o diálogo acerca do “Ecce Homo”, figura para escárnio e mofa, mas conforme a dignidade registada no Evangelho (Jo., 19, 2-4) — “coroados de espinhos e coberto com o manto de púrpura” (“spineum coronat et purpureum vestimenta”). Na tela desta pintura, que existe no Museu Nacional de Arte Antiga, os olhos de Jesus são ocultados pela orla de um véu branco. Na sombra do véu onde se fixariam os olhos do Salvador? Que motivo levou o artista a ocultar os olhos a Jesus — o homem! — a criar esse enigma? Não nos foi possível esclarecer, ou talvez o pintor expressasse o desejo do penitente não querer identificar nenhum dos juízes ou algozes.

Co-fundador de outras iniciativas e obras, integrou a fundação do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira (1992) de que foi o 2º Presidente (1994-1996). Cremos ter sido consenso dos fundadores que o signatário fosse convidado a fazer parte dos sócios fundadores, na qualidade de membro mais novo do ramo da “Filosofia Portuguesa” (Cf. *Enc. Verbo Séc. XXI*, vol. 15, col. 1245-1246).

Anos antes, para a iniciativa “Inquérito sobre a Filosofia Portuguesa”, deu-nos o seu testemunho, que adiante se transcreve e que acompanhou os depoimentos de Álvaro Ribeiro, António Quadros, Francisco Sottomayor, Romeu de Melo, Garcia Domingues, H. A. Pereira, Agostinho da Silva, Joaquim Braga, Luís Furtado, Amorim de

Carvalho, M. Leal Freire e Francisco da Cunha Leão (Braga, Pax, 1972).

Acedeu ainda a que um trecho do seu estudo, extraído do livro *Estética e Enigmática dos Painéis*, intitulado “Pentecostes”, fosse incluído na nossa antologia crítica *Teodiceia Portuguesa Contemporânea* (Sampetro, Lx.^a, 1974).

Depois, aceitou que o seu magistral ensaio “Saudosismo como Movimento” (1960), fosse incluído na antologia intitulada *Introdução à Saudade* (Porto, Lello, 1976), que levámos a efeito com a magistral companhia de Dalila Pereira da Costa, antologia essa também editada no México (Fondo de Cultura Económica, 1989, em castelhano).

Outros episódios seriam mencionáveis, mas não esquecemos o verbete que acerca de A. Botelho nos foi encomendado por João José Cochofel para o *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e da Teoria Literária* (Vol. II, 1977, pp. 22-23).

É de 1996 a escatológica oração, ou especial liturgia das horas (da vida, do amor e da morte) — *Teoria do Amor e da Morte* (Fund. Lusíada, 1996). Depois dos exercícios escatológicos, ou sobre os novíssimos do homem, herdados de Leonardo Coimbra, este texto hierático de Afonso Botelho fulgura na ribalta da nossa “insciência”, sobre o “hábito de morrer”. No ensaio de A. Botelho somos desafiados a pensar os transcendentais — *Impossível*, o *Infinito* e o *Irracional*. Experimentou o hábito em 20.09.1996 (é de 1997 a edição póstuma *Saudade, Regresso à Origem*).

**Afonso Botelho considerava
fazer parte da 3ª geração da
“Renascença Portuguesa”.**

**A primeira foi a dos
Fundadores, a segunda a
dos Discípulos de Leonardo
Coimbra e, a terceira,
a geração dele...**

Como ministro enfrentou uma das conjunturas históricas mais difíceis do Salazarismo, com a forte oposição estudantil, na crise académica de 1969. Numa comunicação televisiva ao país, a 30 de abril de 1969, contestou a autoridade da revolta estudantil verificada na universidade de Coimbra, no momento da inauguração do edifício das Matemáticas¹⁵ a 17 de abril¹⁶. Afirma que iria ordenar um inquérito aos factos ocorridos¹⁷, estabelecer a suspensão preventiva dos alunos, que encabeçaram os movimentos de contestação académica inspirados na revolução do maio de 1968 de Paris. Em sua opinião, expressa nesse comunicado pronunciado dias depois do acontecimento, o episódio configurava um comício estudantil na universidade, que gerou o caos no ensino superior. Na verdade, salientou que os professores foram impedidos de dar aulas, traduzindo a indisciplina radical dos estudantes, quando a sua vontade soberana consistiu em restabelecer a ordem na universidade de Coimbra. Em finais de junho e uma vez que a agitação estudantil continuou, apesar do seu sério aviso à comunidade discente, o ministro instaurou dezenas de processos disciplinares. Posteriormente sempre alegou, em conformidade, com o seu comunicado que autorizaria a falar o representante da Associação Académica da Universidade de Coimbra se o pedido tivesse sido previamente inscrito no programa protocolar da inauguração.

Por outras palavras, como houve contestação e manifestação de desrespeito pelo primeiro magistrado da nação, o Presidente da República Américo Tomás, o que, no seu entendimento,

configurava desconsideração pelo sentimento patriótico, destacou que a reação devia ser de firme autoridade porque o ministro não pretendia que a situação resvasse para o caos universitário, como tinha sucedido em Paris, no mês de maio de 1968.

Como Ministro da Educação Nacional efetuou múltiplas visitas pelo país, nos anos de 1968-1969, acompanhando uma grande reforma do sistema de ensino, que se destinava a combater o persistente analfabetismo da sociedade portuguesa. Quando Salazar, em agosto de 1968, tomba da cadeira e se coloca o problema de ocupar o lugar de Presidente do Conselho de Ministros, José Hermano Saraiva aparece como um dos seus potenciais sucessores políticos.

PORMENORES DO TEXTO HISTORIOGRÁFICO DE JOSÉ HERMANO SARAIVA

A sua primeira grande publicação editorial é a *História concisa de Portugal*, publicada em 1978, que consiste numa síntese da evolução diacrónica da história da pátria destinada ao grande público, numa missão de historiador de divulgação. Um fenómeno estranho sucedeu com a sua obra historiográfica, pois se, por um lado, atraiu o grande público não especializado, por outro lado, foi encarado com grande desdém por parte de académicos e de estudantes universitários. Não nos esqueçamos, também, que obras coletivas da historiografia portuguesa por si dirigidas permitiram projetar historiadores e investigadores de grande prestígio, como sejam José Mattoso ou Joaquim Veríssimo Serrão. Iremos seguidamente traçar, de forma sucinta, algumas das suas tendências historiográficas.

Os seus trabalhos historiográficos patenteiam uma excelente qualidade de síntese narrativa da evolução diacrónica dos acontecimentos e algum suporte em fontes históricas, o que nos faz suspeitar que os preconceitos de falta de rigor historiográfico são provenientes da perceção emanada dos seus programas televisivos, onde a sua capacidade de imaginação de peripécias e de pormenores do passado pátrio sobreleva o seu rigor histórico. Importa reter as lições de Marc Bloch e de Jacques Le Goff, que nos recordam

¹⁵ Maria Lopes, “O ministro e a ‘lenda’ da crise estudantil de 69 em Coimbra”, in *Público* de 12 de julho de 2012, disponível em <<https://www.publico.pt/2012/07/21/jornal/o-ministro-e-a-lenda-da-crise-estudantil-de-69-em-coimbra-24938632>> Acesso em: 5 mar. 2019.

¹⁶ Discurso de José Hermano Saraiva na comunicação televisiva de 30 de abril, disponível em <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comunicacao-de-jose-hermano-saraiva-ministro-da-educacao-nacional/>> Acesso em: 5 mar. 2019.

¹⁷ O ministro abriu um inquérito sobre esse momento de agitação estudantil coimbrã, decidindo a suspensão preventiva dos 8 estudantes envolvidos no acontecimento. Afirma, nessa comunicação de 30 de abril, que, no seguimento da sessão inaugural do novo edifício, os estudantes insubmissos fizeram um comício, logo que as autoridades oficiais saíram do recinto da cerimónia.

que a missão do historiador também passa por preencher os vazios da sequência histórica. Desse modo, convém compreender que estes aspectos constituem duas facetas distintas do mesmo autor, uma vez que conciliou a tarefa de sereno e equilibrado historiador com capacidade de investigação e, simultaneamente, a de historiador de divulgação com uma veia comunicativa ímpar, que se manifestou nos livros de síntese e nos programas televisivos.

A partir da análise de um dos seus textos historiográficos¹⁸, a sua narração das sociedades portuguesas do passado assume-se rigorosa no plano factual e alicerçada em fontes históricas. Estes textos estão peçados de compreensões hermenêuticas com narrativas diacrónicas da história portuguesa e apenas de pequenos espaços, que são deixados à pesquisa heurística documental. Afirmou-se, assim, na historiografia portuguesa como um autêntico divulgador da História de Portugal, embora nos textos que escreveu para obras coletivas por si dirigidas tenha colaborado com artigos em que cita frequentemente fontes históricas. Conciliou, deste modo, a redação de textos de investigação com outros de divulgação histórica para o grande público. Convém salientar que os trabalhos historiográficos, em que revelou menor imparcialidade, foram aqueles em que abordou o Estado Novo e a figura de Salazar, pois os seus textos aproximaram-se mais do testemunho memorialístico do que da visão crítica do historiador, tendencialmente imparcial, o que se torna manifesto, de forma inequívoca, na seguinte passagem:

“(…) Qualquer explicação que se pretenda encontrar para o extraordinário destino político de Salazar terá de equacionar, como fator dominante, o da sua vigorosa personalidade. Foi um criador de pensamento político original e ao mesmo tempo um executor minucioso e enérgico desse pensamento” (Ibidem, p. 541).

Aliás, num estudo recente, Filipe Ribeiro de Meneses na biografia política de Salazar¹⁹ reconhece

que o governante não teve um pensamento político original, sendo tributário de vários autores internacionais de ideologia. Não obstante estes paradoxos da sua análise neste objeto de estudo, inerente à sua ligação ao regime salazarista como colaborador político, conseguiu, neste texto supramencionado, evidenciar algum distanciamento crítico na abordagem que fez à génese ideológica do Estado Novo. Verifiquemos neste excerto esta sua capacidade de análise crítica:

*“(…) mas ficou claro que a atividade política [da União Nacional] só seria permitida apresentar-se como aliança nacional não partidária, natureza que a opinião pública nunca lhe reconheceu. (...)”*²⁰

Não obstante esta tentativa de rigor crítico, o seu afastamento do objeto de estudo era titubeante, de forma que classificou a solução constitucional projetada por Salazar como “original”, dando a noção da existência de mecanismos de defesa dos direitos cívicos dos cidadãos, omitindo a referência aos partidos políticos (Ibidem, p. 544). Sobressai, nesta produção historiográfica que procurou valorizar, a narrativa diacrónica em detrimento das explicações sincrónicas, salientando-se assim a sequência cronológica dos acontecimentos nas suas análises dos processos históricos. Ao mesmo tempo nos seus textos, evidencia-se um claro esforço hermenêutico comparativamente com as suas preocupações heurísticas, ou seja, a recolha de fontes históricas necessárias ao exame da sociedade portuguesa ao tempo do Estado Novo limita-se à seleção de documentos políticos, em particular daqueles diretamente ligados ou produzidos pelo regime Salazarista.

O autor classifica o período histórico do Estado Novo como II República, o que não é consensual na historiografia, caracterizando-o pela eficácia governativa, a despeito da restrição das liberdades individuais inerente a um Estado autoritário. Deste modo, deixou-se enredar num paradoxo emocional, quando elogiou a posição diplomática do regime político de se manter neutral na 2ª guerra mundial, o que patenteia rigor factual, mas uma dificuldade inequívoca

¹⁸ José Hermano Saraiva, “Estado Novo”, in *História de Portugal*, vol. III, dir. José Hermano Saraiva, Lisboa, Publicações Alfa, 1983, pp. 535-565.

¹⁹ Filipe Ribeiro de Meneses, *Salazar – uma biografia política*, Alfragide, Publicações Dom Quixote, 2010, p. 107.

²⁰ José Hermano Saraiva, “Estado Novo”, in *História de Portugal*, vol. III, dir. José Hermano Saraiva, Lisboa, Publicações Alfa, 1983, p. 543.

PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019



25 DE JANEIRO, na Casa de Angola: Lançamento de “Filosofia da Educação em Paulo Freire” (Ed. MIL), de Elter Manuel Carlos, Coordenador do MIL-Cabo Verde.



2 DE MAIO, na Sociedade de Geografia de Lisboa: Entrega do Diploma de Instituição Honorária da Academia Internacional da Cultura Portuguesa ao MIL



4 DE FEVEREIRO, no Palácio da Independência: Colóquio do Centenário do Nascimento de Afonso Botelho.



10 DE MAIO, no Palácio da Independência: Homenagem a João Bigotte Chorão.



13 DE FEVEREIRO, no El Corte Inglés de Lisboa: Lançamento de “Páginas Esquecidas de Agostinho da Silva” (no dia em que faria 113 anos).



23 DE MAIO: Entrega dos Diplomas de Sócios Honorários da Sociedade Histórica da Independência de Portugal ao MIL e ao IFLB.



27 DE ABRIL, na Associação Caboverdeana de Lisboa: 10º Aniversário do MIL e Lançamento da *Nova Águia* 23.



7 DE JUNHO: Encerramento do XIII Colóquio Antero de Quental (Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil): Apresentação da *Nova Águia* 23 e de outras obras.